

O ESTUDO DA CULTURA POPULAR NA HISTÓRIA: DO PENSAMENTO DOS ANTIQUÁRIOS ÀS ABORDAGENS ATUAIS

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de - UFPB*

LIMA, Idelbrando Alves de- UFPB†

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo realizar um levantamento historiográfico sobre a forma como vem sendo estudada a cultura popular, a partir da análise de autores como Ortiz (1985), Guinsburg (1993), Hobsbawm (1998), entre outros. Tal abordagem é de suma importância nos permitindo observar as modificações de pensamentos dos estudiosos sobre esta temática, pois enquanto no século XVI, os interessados nesse tema restringiam-se a colecionar objetos antigos e geralmente ridicularizavam a fala popular, no século XVIII, os românticos idealizavam suas respectivas nações, no século XIX a busca pelo cientificismo penetrou várias áreas de conhecimento inclusive a ciência do povo, ou seja, o folclore. Por fim no século XX, o Movimento dos Anales e a História Vista de Baixo valorizam, de maneiras distintas, a análise das pessoas comuns ampliando, conseqüentemente, as formas de abordagens e enriquecendo o estudo da historiografia.

Palavras chave: cultura, sociedade, história.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade realizar uma breve análise histórica sobre como foi analisada a cultura popular ao longo dos anos em várias áreas do conhecimento principalmente na História, e como ela vêm sofrendo várias modificações devido às mudanças de pensamento pelo contexto histórico em que seus estudiosos estavam inseridos.

Ao observarmos como os antiquários, os românticos e os folcloristas analisavam a cultura popular contatamos que todos eles sofreram influência do contexto histórico e foram as mudanças sociais que possibilitaram a adoção de uma perspectiva crítica frente a esse conhecimento e que pudéssemos enxergá-lo não mais como exótico ou ideal e, sim, como conscientizador e inclusivo.

Essa abordagem tem como intuito chamar a atenção dos pesquisadores já que ainda hoje possuem um preconceito frente a este estudo uma vez que os historiadores, em sua maioria, consideram mais importantes o estudo da economia e da política esquecendo-se que tal abordagem possibilita que pessoas comuns se reconheçam como agentes da história.

* Danielle Ventura Bandeira de Lima possui Licenciatura Plena em História e atualmente é Bolsista CAPES pelo Mestrado em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba, o seu email é danihistoriadora@yahoo.com.br.

† Idelbrando Alves de Lima possui Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba e é Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba, o seu email para contato é del_historia@hotmail.com.

Não temos a intenção de reduzir o conhecimento da história ao estudo da sociedade e da cultura, mas, pelo contrário, pretendemos fazer com que este estudo seja valorizado e reconhecido como importante para o nosso aprendizado, não podendo ser visto apenas como uma pesquisa inovadora.

Assim, sabemos que há muito a ser abordado sobre este tema e que, como qualquer novo conhecimento, ele apresenta limitações e é justamente com a colaboração de diversas áreas do conhecimento e de novas idéias que o estudo da cultura popular irá se aperfeiçoar. Portanto, o contato interdisciplinar, enriquecerá o conhecimento de cada área em sua especificidade.

O estudo da cultura popular no decorrer dos anos

O que significa cultura popular? Como definir esse termo? Muitos estudiosos buscaram defini-lo, dentre eles sociólogos, historiadores, filósofos e letrados. Ao longo dos anos tanto o conceito quanto o tratamento do objeto a partir de novas abordagens foram sendo ampliados.

Para nos aproximarmos do conceito de cultura popular é interessante que façamos um apanhado histórico sobre como ele foi se modificando, tendo em vista que esse estudo foi abordado por antiquários no século XVI, românticos no século XVIII e pelos folcloristas no século XIX, atentando ainda para o fato de que tais discussões permanecem na atualidade possibilitando novas perspectivas deste conhecimento.

Os costumes ditos "do povo" eram observados pelos antiquários como exóticos, ou seja, como diferentes da cultura erudita, por isso, era costume desses estudiosos colecionarem objetos e relembrares tradições a fim de conhecer cada vez mais aquilo que, segundo eles, não fazia parte do seu cotidiano. Assim, ao nos questionarmos sobre como os antiquários lidavam com o seu objeto de estudo e quais as perspectivas que eles tinham, iremos constatar que antes de tudo, a curiosidade era aquilo que movia sua pesquisa e a coleção de dados era a forma que eles encontraram para satisfazê-la.

O antiquário pelo menos até o advento do romantismo, não possuía nenhuma predileção especial pelo povo. Frequentemente ele justifica seu interesse pelo povo pelo amor as antigüidades ou pelo gosto do bizarro. Muitas vezes quando apresenta seu trabalho ao leitor, ele se vê na posição incômoda de explicar a sua curiosidade inusitada pelos que ocupam os lugares mais baixos na hierarquia da sociedade. (ORTIZ, 1989, p14-15)

Ao considerar como "diferente" a cultura dita "do povo" esses estudiosos tinham o hábito de criticar a fala popular, denunciar os erros gramaticais e combater as superstições. Vale salientar que as superstições também faziam parte do cotidiano da elite e que estas são reprimidas após a Reforma Protestante e, conseqüentemente, com desencadeamento da Contra Reforma.

Em fins do século XVIII temos o surgimento do Romantismo gerado a partir de duas grandes revoluções: a Francesa e a Industrial. É nesse período que tivemos uma grande mudança nas instituições políticas induzindo, portanto, o surgimento de novas idéias e teorias sobre o Estado. Além disso, temos um progresso da ciência e uma considerável ampliação de seus conhecimentos, principalmente no que diz respeito as áreas que estudam sobre o homem.

Diante dessas modificações percebemos que, cada nação, buscava se sobressair as demais valorizando seus costumes em detrimento das demais localidades, tendo a sua como superior.

O romantismo na sua propensão historicizante, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, raças, que têm antes culturas do que civilizações, que secretam uma individualidade peculiar, uma identidade não de cada indivíduo, mas do grupo específico, diferenciando de quaisquer outros (GUINSBURG, 1978, p15)

A partir dessa citação podemos constatar que o estímulo que se tinha em conhecer os costumes do "povo" era justamente da valorização de uma determinada nação. Contudo, tal análise é problemática tendo em vista que os românticos, em sua maioria, exaltam os costumes de suas nações a fim de tê-las como superiores esquecendo-se de suas limitações.

No período romântico podemos destacar autores de suma importância: Herder e os Irmãos Grimm.

Herder é destacado, pela ênfase à particularidade de cada local e por ver as poesias como patrimônio da humanidade. Vale salientar que o autor diferencia o "povo" da "ralé", tendo em vista que a ralé, segundo ele, é o conjunto de pessoas excluídas devido a sua condição social.

Ao analisarmos a postura de Herder no que diz respeito ao estudo da cultura popular percebemos que ele visivelmente exclui grande parte das pessoas comuns do seu estudo, prática adotada repetidas vezes pelos românticos devido ao seu ideal de perfeição.

Os Irmãos Grimm enfatizam o anonimato da criação e tem grande admiração pela epopéia, já que estão presentes nas crenças, aspirações e desejos de um povo. Portanto, é na

epopéia que se enfatiza os costumes populares presentes heroicizando alguns de seus personagens.

O anonimato valorizado pelos Irmãos Grimm é uma forma de se contrapor ao individualismo capitalista e, conseqüentemente, de mostrar a importância do coletivo, a fim de demonstrar que as poesias escritas faziam parte do imaginário de uma determinada nação.

O popular dito romantizado retoma inclinações como sensibilidade, espontaneidade, mas enquanto qualidades diluídas no anonimato coletivo. Não é, pois o indivíduo o ponto nodal, mas o coletivo. Por isso para evitar possíveis dúvidas e associações impróprias sublinho que na compreensão da problemática da cultura popular nos deparamos com um determinado tipo de romantismo. (ORTIZ,1989, p 18)

No Romantismo, há uma dimensão diferente no que diz respeito à cultura popular, já que, ao invés do indivíduo, é o coletivo que é valorizado, o anonimato é primordial. Durante esse período, portanto, temos uma nova atitude frente ao estudo dos costumes do povo, tendo em vista que há uma valorização dos sentimentos, emoções e imaginário presente em cada poesia que, em sua maioria exalta uma determinada nação.

A partir do século XIX há uma busca de cientificizar todos os conhecimentos e o mesmo foi feito com relação ao estudo da cultura popular. A partir de então esse estudo foi denominado de folclore [ciência que estuda o povo]. Dessa maneira, a pesquisa em pequenas cidades e vilarejos acompanhada da prática de entrevistar as pessoas torna-se cada vez mais freqüente.

A parte descritiva se aperfeiçoa cada vez mais pela precisão científica, pela análise metodológica de todos os fatores pela verificação da morfologia e da dinâmica dos fenômenos e pelo emprego de aparelhagem mecânica na pesquisa. (ALMEIDA, 1971, p 15)

É interessante notarmos que o estudo do folclore é alvo de preconceito uma vez que é considerado como uma ciência "menor" ou menos importante que as demais, já que se privilegia o estudo da política e da economia, e que os costumes da elite se sobressaem se comparados a este.

Até agora, fizemos um apanhado histórico de como foi se modificando o estudo sobre "o povo". Mas como este estudo passa a ser visto como uma discussão relevante para a

história? Quando os historiadores passaram a buscar sua definição sem colocar esse conteúdo com menosprezo se comparada à história política, amplamente abordada?

Sabemos que o estudo dos "grandes homens" preponderou na história por longos anos, fazendo com que os ricos se mantivessem no poder e considerando apenas o seu passado heróico. Não podemos negar que havia aqueles que se dedicavam ao estudo da cultura, no entanto, temos consciência que estes não tinham o mesmo status que aqueles que se dedicassem ao estudo da política.

Foi a partir dos anos 60, na Europa que, de forma gradativa e influenciada por Marxistas e pessoas adeptas ao Movimento dos Annales, que houve um crescente estudo da sociedade.

Os Annales, movimento francês que se contrapunha à história eminentemente política que tendia para a factualidade, se consolidou com a Revista "Annales d'histoire économique et sociale". liderada por Febvre e Bloch. Nesse movimento temos a busca de explicar a vida em sociedade, trabalhando a interdisciplinaridade alargando o conhecimento histórico e adotando principalmente uma perspectiva crítica em relação à história – acontecimento que tende a construir apenas uma narrativa dos eventos.

Analisaremos aqui, em linhas gerais, o que os fundadores dos Annales pensavam inicialmente sobre essas novas abordagens e como cada um deles via a história eventual e factual propagada por pessoas de um período anterior ao deles.

Reis (1994), ao analisar a obra daqueles que principiaram o Movimento dos Annales, nos traz a crítica que estes faziam à história positivista, e sobre essa idéia ele analisa, da seguinte forma, o pensamento de Febvre:

A história era para, os positivistas, somente o tecido de eventos sucessivos. Reis, datas e batalhas sucediam-se minuciosamente reconstituindo uma narrativa exata e precisa. O tempo histórico não era um problema de difícil solução, mas uma solução de fácil realização. (REIS, 1994, p 32-33)

Através da citação fica clara a mudança trazida por Febvre e sua crítica à historiografia positivista adotando uma nova perspectiva em que, ao invés de narrar um acontecimento dito heróico, vai-se, aos poucos, dando espaço para aparecerem as pessoas comuns, a partir das problematizações suscitadas por este pensamento.

Sobre a obra de Bloch podemos considerá-lo como primeiro autor que rompe com a perspectiva tradicional durante o século XX tendo, como sua principal contribuição, a noção de tempo histórico, já que ao invés de eventos o autor analisa estruturalmente o tempo vivido.

Bloch vai além do que Febvre suscita, pois propõe uma história em que os acontecimentos são diluídos na perspectiva do estruturalismo, ampliando cada vez mais a possibilidade de se trabalhar a história e afastando-se da história- acontecimento.

Dando continuidade a noção de tempo não podemos nos esquecer de Braudel que, resumindo seu pensamento, podemos considerar que rejeita a História como acontecimento e coloca que o que realmente importa são as mudanças econômicas e sociais que ocorrem a longo prazo trazendo que os eventos que acontecem em um pequeno espaço de tempo não possuem os mesmos efeitos daqueles que acontecem em uma longa duração.

Após esses autores, houve um grande estímulo para que se ampliasse o conhecimento da história, servindo de incentivo para novas abordagens de temas pouco mencionados pela historiografia tradicional. Assim, as pesquisas abordadas foram cada vez mais fundamentadas, pois, através das críticas surgidas, foi-se inovando o conhecimento.

Contudo, não podemos nos esquecer dos marxistas que constituíram a **História Social Inglesa**. Estes adquiriram mais adeptos principalmente após a Segunda Guerra Mundial com o crescimento dos Partidos. No entanto, alguns autores permanecem com a visão heróica do próprio período, uma vez que substituem a exaltação dos políticos pela da História das Massas ou ainda dos sindicalistas.

Com relação aos marxistas que se dedicavam a esse tipo de estudo são dirigidas diversas críticas, principalmente por parte de Nairn e Perry Anderson, estudiosos que estavam à frente da *New Left Review*, em 1962. Estes, dentre outras inúmeras críticas julgavam que a Revolução Inglesa havia sido idealizada por uma burguesia apática que influenciou os proletários para fazer valer seus interesses.

Perry Anderson e Nairn idealizavam a Revolução Francesa e afirmavam que, ao contrário desta, a Inglaterra não possuía lutas sangüinárias e que o que ocorreu na Inglaterra não consistiu em uma luta de classes, acreditando ainda que, os estudiosos desse período estavam isolados e reduzidos ao empirismo.

Tal crítica é combatida por Thompson (2001) que, de forma aprofundada, discute sobre as peculiaridades dos ingleses alegando que tais autores idealizam o modelo francês e esquecem que a tradição socialista inglesa não pode ser reduzida a uma elite que domina o proletariado e que tal movimento agrupa uma série de grupos de diferentes interesses e alertando ainda que não se deveria reduzir, o proletariado às pessoas que rapidamente sofreram a influência de uma burguesia apática

Então olhemos a história – homens situados em contextos reais (que eles não escolheram) e confrontados perante forças incontornáveis com uma urgência esmagadora de relações e deveres dispendo, apenas, de uma oportunidade restrita para inserir sua própria ação - e não como um texto para fanfarrônicas do tipo *assim deveria ter sido*. (THOMPSON, 2001, p 140)

Mas quais as abordagens realizadas por esses estudiosos? Qual a sua contribuição para o estudo da cultura popular?

O estudo da cultura popular sob a visão da história social inglesa é intitulado de estudo sobre a "história vista de baixo" ou ainda "história vista de baixo para cima". Tal expressão nos dá a entender que existe alguém que está acima dessas pessoas e é uma forma de criticar a história que exalta os valores da classe dominante.

Não há como negar, foi a partir de suas concepções e perspectivas (da história social) que os “temas malditos”, ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres, índios, etc encontraram guarida na historiografia. (FENELON, 1993, p 76)

Contudo, será que é necessário que deixemos de analisar a história tradicional? O estudo da cultura popular é complementar ou pode substituí-lo?

A "história vista de baixo" não pode ser visto de forma a anular a história tradicional, pois ambos os conhecimentos são importantes para a história e o segundo estudo tende a enriquecer aquilo que já conhecíamos a partir da história tida com tradicional.

O enriquecimento proporcionado pela “historia vista de baixo” é devido à ampliação do objeto de estudo da história já que passa a considera uma série de conteúdos com importantes tais como: a prostituição, a mulher, os vagabundos etc.

Todavia como analisarmos esses fatos? Quais as fontes que podemos utilizar? Será possível esse tipo de conhecimento?

Por se tratarem de temas completamente novos e nunca pensados pela historiografia há uma amplitude das fontes históricas. Assim passam a ser alvo de estudo dos historiadores a fotografia, as charges, o cinema e os depoimentos de pessoas da época, dentre outros.

O depoimento de pessoas da época é a fonte mais criticada pelos historiadores, tais como Hobsbawm (1998) que se questiona sobre a confiabilidade da memória. Além disso, os registros orais tornam-se cada vez mais impossíveis de serem analisados devido a distancia temporal. Dessa forma apenas as atividades contemporâneas podem ser analisadas.

Mas em minha opinião, jamais faremos uso adequado da história oral até que formulemos o que pode funcionar mal da memória com o mesmo cuidado com que hoje sabemos o que pode não dar certo na transmissão de manuscritos por meio de cópias manuais. (HOBBSAWM, 1998, p 221)

Não podemos deixar de ter a crítica de Hobsbawm (1998) como pertinente, já que há dificuldade em perceber se o relato coletado nas pesquisas é verídico. Entretanto, não devemos esquecer que os historiadores ou demais estudiosos são capazes de reter, para seu estudo, o que, de fato, condiz com a realidade e, para isso, precisam utilizar um conhecimento prévio e de fontes que sejam compatíveis com o que foi coletado não tomando tudo que escutou como “verdade absoluta”.

Dessa forma o cuidado anterior que os historiadores já possuíam de não tomar a fonte como verdade absoluta, já que o fato histórico é único e não se repete sendo nossas pesquisas apenas maneiras de nos aproximarmos do passado, deverá ser também tido com a oralidade.

É interessante destacar que, por ser um estudo diferente do que já estávamos acostumados (como história econômica), temos uma certa dificuldade para aceitá-lo. No entanto, com essa temática, as pesquisas vão ganhando consistência e os historiadores vão enxergando-se não apenas como inovador, mas como um estudo que possibilita uma integração das pessoas comuns ao estudo da história.

Um livro que nos chama a atenção sobre essa integração de pessoas comuns na historiografia é o de Hobsbawm (1987) em **Mundos do trabalho** merecendo destaque o capítulo sobre os “sapateiros politizados”. Nele, o autor faz um brilhante estudo sobre o porquê de pessoas com um ofício tão simples, que não requeria leituras, se interessariam por política e, depois de uma série de suposições – os contatos que vão fazendo ao longo de suas viagens ou ainda leituras realizadas, já que as capas dos livros eram feitas de couro pelos mesmos.

Após uma longa explanação sobre as possibilidades deste estudo, ele faz um caminho inverso e nos mostra que as pessoas que procuravam este ofício eram excluídas da sociedade seja por algum tipo de deficiência ou por qualquer outro motivo e, devido a essa exclusão, procuravam esse ofício, já que, nessa profissão não se dependia politicamente de ninguém e permitia que estes propagassem seu conhecimento.

Tal análise é feita com os sapateiros da Inglaterra e nos demonstra como o estudo de pessoas comuns, além de inovador possibilita sua integração ao estudo da história. Dessa maneira, não se trata apenas de um tema interessante e sim de fazer com que essas pessoas se sintam agentes da história.

É interessante notarmos como o estudo da cultura popular foi crescendo ao logo dos anos e adquirindo novas proporções, tendo em vista que, de início, é, reduzido a uma coleção de memórias totalmente estranhas à elite, pelos antiquários que, de forma preconceituosa, analisam seu estudo criticando a fala popular e, no romantismo, ele limita à rivalidade entre os costumes das nações sendo idealizada pelos estudiosos de seu tempo e como ela é influenciada pelo ideal de cientificização do século XIX. Também é importante percebermos como ela foi adquirindo espaço no campo da história e sendo alvo de interesse de vários estudiosos apontando uma perspectiva crítica com o passar dos anos.

Sabemos que este estudioso não se esgota no século XX e que sempre teremos novas abordagens, pois as críticas e novas idéias surgidas ampliam o nosso conhecimento fazendo com que este estudo se aperfeiçoe e inclua mais pessoas na pesquisa histórica, que não mais se reduz à história das elites. Para isso o contato interdisciplinar é essencial para o desenvolvimento da pesquisa

Considerações finais

A partir do presente artigo podemos refletir um pouco sobre como foi sendo trabalhado ao longo dos anos o estudo sobre a cultura popular, as problematizações as dificuldades e a sua importância para tantas áreas do conhecimento.

É interessante toda carga de preconceito que se tinha nos antiquários que, por acreditar que aqueles costumes eram “exóticos”, mereciam ser colecionados, mas não possuíam uma perspectiva crítica em relação ao seu estudo e muito menos se reconheciam enquanto “povo”.

Com os românticos percebemos a idealização feita pelos estudiosos que buscavam transparecer que os costumes de sua cultura eram superiores a todas as outras; tal idealização é feita a partir de grandes mudanças que estavam ocorrendo na sociedade, principalmente após as revoluções, francesa e industrial.

No século XIX há uma busca pela cientificidade de todos os tipos de conhecimento e é nesse período que este estudo é chamado de Folklore - ciência do povo. Assim, a pesquisa em vilarejos com elaborados questionários era incentivada.

Entretanto, não podemos nos esquecer que é com as transformações ocorridas no século XX que a história passa a ver o estudo das pessoas comuns como tema relevante para a pesquisa, que antes se restringia a análise da história política trazendo os acontecimentos que exaltavam os chamados “grandes homens”.

É com as perspectivas de Febvre e Bloch, como bem coloca Reis (1994), fundadores do Movimento dos Anales, que se rejeita a história - acontecimento, temas estes que já tinham sido estudados, mas eram vistos com menosprezo por aqueles que estudavam a história política.

Os marxistas que faziam parte daqueles que estudavam a **História Social Inglesa** deram uma importante contribuição ao estudo da cultura popular. Sua análise foi denominada, “História Vista de Baixo”, um termo que claramente expressa uma crítica àqueles que restringiam sua abordagem à elite, ou seja, a “História Vista do Alto”.

Dentre esses estudiosos podemos destacar Hobsbawm (1998), Thompson (2001) e Sharpe(1992), autores de suma importância que, com diferentes abordagens, mostraram as possibilidades e as dificuldades encontradas neste estudo.

Através desses autores podemos constatar que, para estudar temas tão diferentes, teríamos que nos utilizar das mais variadas fontes e que nem todos os historiadores concordam em se utilizar de fontes orais admitindo que a memória é bastante falha e que tais fontes não podem ser utilizadas em casos em que haja uma distância temporal entre o historiador e a sua fonte.

Por fim, não podemos restringir o estudo da cultura popular ao conhecimento de um costume “diferente” e, sim, devemos demonstrar que as pessoas mais pobres também têm sua história marcada por lutas e omissões tendo em vista que muitos não se reconhecerem como pertencentes à história já que, por longos anos, a maior parte do que se tinha era a história dos “vencedores”.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Renato. *A Inteligência do folclore*. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

GUINSBURG, Jacob. *O romantismo*. São Paulo: Editora perspectiva, 1993.

HOBBSAWM, Eric. "A História de Baixo para cima". In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (p 216-231)

_____, Eric. Sapateiros Politizados. In: HOBBSAWM, Eric. *Mundos de trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História social: Historiografia e pesquisa. In: *Projeto História*. v 10. São Paulo: PUC SP, dezembro 1993 (p73 - 90).

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas*. São Paulo: PUC – SP, 1985.

REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo histórico*. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994.

SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História* São Paulo, UNESP, 1992 (p 39-62)

THOMPSON, E.P. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros artigos*. Campinas: UNICAMP, 2001.